

## O TRANSCENDENTE EM MÁRIO QUINTANA

Ir. Elvo Clemente

PUCRS

Mário Quintana, que tem uma produção inesgotável, acaba de lançar pela Editora Globo outro livro de versos: A COR DO INVISÍVEL. É a vigésima quinta obra do inefável poeta. **A cor do invisível** surge como algo de inesperado como ele próprio escreve: "O poema (o livro) é uma garrafa de naufrago jogada ao mar. Quem a encontra salva-se a si mesmo"... O poeta encontrou a garrafa salvadora, a pérola preciosa da poesia escondida no campo ou no fundo do mar da existência. Deixou tudo para poder assegurar a posse da pedra preciosa, guardá-la em si e fazê-la brilhar para os outros, a fim de que seja a palavra viva e vivificante para todos os leitores.

O próprio da cor é ser visível, ela existe pela luz, base de toda a visão. O toque irônico que o oxímoro apresenta não deixa de ser um choque à consciência lógica, habituada aos esquemas científico-tecnológicos, longe dos humanísticos. **A cor do invisível** leva-nos a ver a poesia de Quintana em outra dimensão para além dos sentimentos, das aparências, nas alturas da transcendência, campo aberto da espiritualidade que tem a sua plenitude em Deus.

Numa quadra intitulada — **Poeta** — define-se em suas existência para além dos tempos, para além do tangível e do conhecido:

Venho do fundo das Eras,  
Quando o mundo mal nascia...  
Sou tão antigo e tão novo  
Como a luz de cada dia! (p. 49)

O jogo irônico, por assim dizer, brinca sobre algo tão importante como é a vida e o ser de cada pessoa.

Numa "Elegia" apresenta a vida em sua variegada composição dum mesmo colorido. Variedade e monotomia, diferenças e mesmices é o dístico filosófico, de profundo humor:

Minha vida é uma colcha de retalhos  
Toclos da mesma cor... (p. 110).

Outras vezes é a vida um painel exposto aos olhares discretos e olhares curiosos e ao mesmo tempo concentrados na estrofe final do "Poema para uma exposição":

Ó vida  
Transfixada ao muro — que palpita,  
entanto,  
num misterioso, eterno movimento! (p. 22).

O filosofar poético sobre a vida continua em muitos poemas variando as metáforas, mantendo, porém, a força da ironia e a atitude do desligado, do despreocupado, quase diria "blasé", no poema "Nunca":

A vida é triste, o mundo é louco!  
Nem vale a pena matar-se por isso.  
Nem por ninguém.  
Por nenhum amor...  
A vida continua indiferente! (p. 97).

O constante andar do tempo, o perene fluir das horas, dos dias e das coisas no incansável "panta rei" dos gregos, Quintana coloca tudo em um modo lindo e gracioso na "Canção de beira de estrada":

O menino canta canta  
Uma canção que não tem sentido  
Como não tem sentido o vento  
Nem a minha nem a tua vida... (p. 109).

Como insiste nesse sem-sentido da existência, da passagem célere ou morosa no peregrinar neste mundo em contraste com a eternidade como nos diz bem o soneto "Ah! os relógios", de que extraímos o quarteto:

Porque o tempo é uma invenção da morte:  
Não conhece a vida — a verdadeira —  
em que basta um momento de poesia  
para nos dar a eternidade inteira (p. 79).

Outro soneto "Detrás de um muro surge a lua" mostra a tentação do nada. Aparece o cético, o niilista, no terceto misto de humor e de amarga desesperança:

E enquanto a Vida corre — ó Mascarada!  
Ele abre, vagamente sobre o Nada,  
O seu olhar sonâmbulo de mocho! (p. 37).

Tudo parece escurecer, nessa noite da esperança e do sentido da existência. A dúvida paira qual ave noturna sobre os sonhos, sobre a vontade de viver... E a morte vem trazida pelos ventos para tudo amortilhar no sono mais duradouro que os mundos. No soneto, escrito em 1935, "Esses inquietos ventos" aparece o ainda jovem Quintana preocupado com a vida e com a morte, antes mesmo de ter alcançado a celebridade dos anos sessenta e setenta... O terceto contrapõe a vida e a morte numa interrogação que se reduz em reticências:

Os ventos vêm e batem-me à janela:  
A tua vida, que fizeste dela?  
E chega a morte: Anda! Vem dormir... (p. 111).

O poeta varia em seus poemas, em sua temática, mas no fundo é sempre o mesmo lírico irônico que não perdoa a si nem aos outros. Em "A viagem", quadrinha, profunda, lírica, está expresso, no movimento do pássaro e do mar, o vaivém dos dias e das noites, o vaivém das fases da existência:

Como é bela uma asa em pleno voo...  
Uma vela em alto mar...  
Sua vida — toda ela! — está contida  
Entre o partir e o chegar... (p. 86).

Outro poema menos plástico, mais filosófico, irônico e profundo sob o título "Os rios", em quatro versos exprime a ciência do pensamento espargida em milhões de folhas:

Há na vida tanta coisa,  
Tanta coisa e um só olhar!  
Toda a tristeza dos rios  
E não poderem parar... (p. 92).

Em tudo sobressai o mistério, o que se lê o que não está escrito, o que se decifra sem estar nas letras, é o âmago do ser humano, que desafia filósofos, teólogos e glorifica o poeta no poema "Ariel":

Mesmo porque a poesia mora é nas entrelinhas,  
Mora no branco puro do papel. (p. 98).

A contradição, a ironia, é a figura sempre presente nas quadras e nos poemas, como "Fosse o mundo um paraíso":

Fosse o mundo um paraíso...  
— paraíso de verdade! —  
morreria sem saber  
o que é a felicidade... (p. 88).

Outro antagonismo presente e preocupante é a eternidade e o momento que passa, tão bem estruturado em "Poema" de que apresentamos os quatro versos finais:

Tu? Não!  
Instante e eternidade,  
O teu sorriso é imemorable como as Pirâmides  
e puro como a flor que abriu na manhã de hoje! (P. 89).

A monotonia da vida é descrita numa quadra profunda e bela que expressa o valor insuperável da arte em "A letra e a música":

Quando nos encontramos  
Dizemo-nos sempre as mesmas palavras que todos os amantes dizem...  
Mas que importa que as nossas palavras sejam as mesmas sempre?  
A música é outra!

Realmente, o amor, eterna música dos corações, faz vibrar com novidade a monotonia dos sons dos vocábulos...

E no fim de tudo a morte que se assemelha à corrente de um rio, que vai morrendo a cada instante. Desapego, despreendimento de tudo como as águas caudalosas que levam tudo e vão cantando tragicamente nas devastações. O poema "O rio" tem algo de mensagem profunda e transcendente, que se retrata nos versos iniciais:

A morte é um rio onde a gente  
Embarca de olhos fechados  
Se quiser partir contente

Nada deixes deste lado.  
É deste lado de cá  
que moram nossos cuidados. (p. 39).

No fim da vida, deste rio que vai sem parar há coisas que "o vento não levou", título parodiado da célebre obra e famoso filme americanos:

No fim tu hás de ver que as coisas mais leves são as únicas que o vento não conseguiu levar.

Um estribilho antigo  
um caminho no momento preciso  
o folhear de um livro de poemas  
o cheiro que tinha um dia o próprio vento... (p. 118).

Nesse entrevero dolorido, divertido, contraditório da existência, agarrada ao chão e sonhando com a transcendência, atada ao tempo e suspirando pela libertação da eternidade, estão as "Rezas" expressas na singela e melodiosa quadra:

Rezas da infância, tão puras...  
Um dia a gente as esquece!  
Mas o bom Deus, das alturas,  
Ainda escuta a nossa prece... (p. 33).

O livro vai fechando suas folhas e pétalas com a mensagem final que é o poema "Oração" inteiriço de uma estrofe extensa e melodiosa, densa de poesia e brilho:

#### Oração

Dai-me a alegria  
Do poema de cada dia.  
E que ao longo do caminho  
às almas eu distribua  
Minha porção de poesia.  
Sem que ela diminua...  
Poesia tanta e tão minha  
que por uma eucaristia  
Possa eu fazê-la sua  
Eis minha carne e meu sangue!  
A minha carne e meu sangue  
Em toda a ardente impureza  
Deste humano coração...

Mas, ó Coração Divino,  
Deixai-me dar de meu vinho,  
Deixai-me dar de meu pão!  
Que mal faz uma canção?  
Basta que tenha beleza... (p. 125).

Nesta revoada simples e despreocupada sobre A COR DO INVISÍVEL, sente-se o ar tênue, vibrante, perfumado, de transcendência.

É o vagar do poeta pelas estradas poeirentas do existir, que ora sonha, ora medita, ora canta, tudo dentro dos parâmetros do poema...

Limo, pó da terra, luz dos astros, variações de luar, música perdida, perfume de florescências, tudo isso está no poeta, no íntimo de sua vibração terrestre humano-divina na contingência a caminho da transcendência. No dizer de Péguy, o poeta é o lobo uivando para o INFINITO.

O poeta dirige-se a interlocutor invisível como a cor e pergunta "Lembras-te?", cuja resposta é a quadra com que encerramos o "vol d'oiseau" destas considerações:

Minha lanterna andante, meu cachorrinho cego...  
Perdidos naquela Babilônia, nem sei bem se eras o caminho...  
Se, acaso, eras a verdade...  
Eu sei apenas que Tu és a Vida! (p. 14).